

AUTOR : 60

O PAPEL DA MORADIA NA FORMAÇÃO DO CIDADÃO

Há algum tempo atrás, lembro-me de um fato ocorrido por ocasião de uma pesquisa de rádio, onde tínhamos como missão, elaborar e executar uma enquete a respeito das maiores ambições e sonhos do povo.

Fomos ao centro de Campinas e saímos perguntando a várias pessoas, não nos importando com raça, cor, credo ou estatus social : Qual seu maior sonho?

Dai surgiram inúmeras e diversas respostas, algumas engraçadas como ter um macaco...(por que cargas d'agua alguém gostaria de ter um macaco...) passando por ganhar na loteria, ter um iate, até ter um aparelho de som e assim por diante.

Enquanto a pesquisa era realizada, pude notar um senhor muito simples, uniformizado, varrendo a rua com tamanha altivez e dignidade, que chegava a destoar dos varredores de rua que eu já tinha visto por ai, até então.

Ele nos observava discretamente, mas com muita atenção, enquanto fazia seu serviço.

Em determinado momento, ele encostou-se na parede e começou a enrolar um cigarro de palha.

Pensei, quais seriam os sonhos de um senhor como aquele? Vou perguntar-lhe sobre seus sonhos, pois parece estar interessado em nossa atividade.

Aproximo-me dele e pergunto-lhe:

- Senhor, qual o seu nome?

Meio assustado, meio surpreso ele responde:

- Meu nome é José Pessoa da Silva, a seu dispor.

- Seu José, pude notar que o senhor parece interessado na pesquisa que estamos fazendo... O senhor gostaria de participar?

- Eu tava achando bonito ouvir o sonho das pessoa, mas, sei não dotôzinho...

- O senhor não gostaria de nos contar qual é seu maior sonho?

- Sabe o que é, é que não sei se meu sonho é sonho. Sei só que o que eu mais queria nessa vida dotô, mais que tudo, é Ser Gente!_ falou com os olhos perdidos no horizonte.

Confesso que levei um choque e achando não ter ouvido direito, pergunto:

- Como assim, Seu José?

Como se estivesse voltando de um lugar longínquo, seu José me olha e diz:

- O dotô tem tempo pra me ouvir?

- Vamos lá, Seu José, confesso que estou curioso.

- Olha só, falaram pra mim a vida inteira, que pra ser gente nós tínhamos que trabalhá. Tá ai, lutei, lutei, fiz de tudo um pouco, fui servente, fui pedreiro, catei lixo... Hoje varro rua e tenho finalmente minha carteira assinada. Dô um duro danado. Trabalho de sol a sol.

Pensei então, agora sou gente, mas não...

Ai falaram pra mim que pra ser gente a gente tinha que lê e escrevê. Mesmo cansado fui estudá. Dia que dava comia, dia que não, a barriga doía, mas mesmo assim eu tava lá estudando.

Apreendi a lê e escrevê e pensei: agora sou gente, mas não...

Continuo trabalhando de sol a sol, chega de noite num vejo a hora de discansa meu corpo num canto. O duro é que hora tô aqui, hora acolá, feito navio sem rumo perdido no mar, sem porto seguro pra aportá.

Quando vou comprá tudo vai bem até a hora do endereço... Não tenho pouso certo não sinhô. Ai acaba tudo.

Se tenho todo o dinheiro, compro, senão esqueço.

- Me falta, dotô, uma casa pra mora, um endereço pra dizê e isso não me falaram, que pra ser gente, a gente tinha que tê.

- Sabe dotô, enquanto não tiver minha casa e um endereço pra dizê, vou ser pessoa só no nome, porque no resto ainda não dá.

Meio sem graça, com um nó na garganta me despedi do Seu José Pessoa da Silva, desejando-lhe sorte.

Seu José apaga seu cigarro, retoma sua vassoura e continua muito dignamente varrendo nossas ruas.

Eu, por minha vez, saio com o pensamento fervendo, avaliando o significado de sonhos tão simples e básicos como ter uma casa. O quanto esse sonho passa além e muito além do simples ter, mas que está profundamente ligado a questão do Ser no mundo, a identidade das pessoas, a um referencial de vida, ao verdadeiro sentido de ser e sentir-se cidadão. Sonhos e desejos de muitos Josês, Joões e Marias, sonhos e desejos que vão tão além do simples teto para os abrigar.

Campinas, 16 de Setembro de